
A Casa Como um Lugar Estranho: uma análise da migração de retorno no quadrinho “Persépolis”¹

Ludmila e Silva MASI²
Liana Viana do AMARAL³
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto o processo migratório de Marjane Satrapi narrado no quadrinho “Persépolis” (2007) e analisa as questões identitárias e de pertencimento que surgem com o deslocamento geográfico. O intuito dessa pesquisa é explorar como a migração - sobretudo o retorno ao local de origem após um período fora - atua no processo de fragmentação das identidades culturais. Busca-se ainda compreender a aplicabilidade dos conceitos de “tradução” e “hibridismo” dentro da narrativa, tendo como referencial teórico autores como Stuart Hall e Bauman. Para isso, um estudo de caso sobre “Persépolis” (2007) foi desenvolvido, no qual pôde-se aferir que a migração de retorno contribuiu para a crise identitária que veio à tona com a volta de Satrapi ao Irã e a sensação de que sua pátria não era mais um lar.

PALAVRAS-CHAVE: migração; identidade cultural; hibridismo; Irã; Persépolis.

Introdução

“Persépolis” é um quadrinho escrito e ilustrado pela iraniana Marjane Satrapi que foi publicado no Brasil em 2007 e adaptado para o cinema no mesmo ano. A obra é uma narrativa autobiográfica que conta a história da autora desde de sua infância, no Irã, passando por sua adolescência, quando migra para a Áustria, e até o início de sua vida adulta, quando parte para a França.

A trajetória de Satrapi na novela gráfica é marcada por deslocamentos geográficos que influenciaram sua percepção identitária e de pertencimento, sobretudo quando ela volta ao Irã após uma temporada na Europa. A tentativa de retornar a um passado familiar em seu país natal mostra-se frustrada à medida que Satrapi percebe que aquele lugar não representa mais um lar após três anos fora. Analisando o quadrinho, é

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada em Jornalismo pela UFC, e-mail: lud.masih@gmail.com

³ Orientadora do trabalho, Professora Doutora do curso de Publicidade e Propaganda da UFC, e-mail: lianaamaral@yahoo.com

possível perceber os desdobramentos na vida da autora que têm origem com esse processo de fragmentação de sua identidade - muitos deles, inclusive, continuam até os dias de hoje.

Esta experiência de confusão identitária e a sensação de não pertencimento que são vivenciadas por Satrapi e narradas em “Persépolis” (2007) são também compartilhadas por inúmeros imigrantes ao redor do globo. Numa sociedade cada vez mais interligada e com maior fluxo de pessoas entre regiões, a questão da identidade em conflito e do não pertencimento tornam-se presentes para muitos indivíduos que vivenciam uma experiência de formação identitária multicultural e heterogênea.

O presente trabalho se trata de um estudo de caso da narrativa migratória de “Persépolis” (2007), com ênfase na migração de retorno vivenciada por Satrapi. O uso desta estratégia é justificado pela perspectiva interpretativa da mesma: busca-se compreender como se dá determinado processo pelo ponto de vista do caso a ser estudado. Como objetivo, esta pesquisa busca investigar de que forma os deslocamentos físicos contribuem para crises identitárias como a vivida por Satrapi. Ademais, o trabalho tem como objetivo analisar a aplicabilidade de conceitos como “hibridismo” e “tradução” dentro da narrativa de Satrapi, tendo como referencial teórico autores como Hall, Bauman e Júlia Kristeva.

A questão da identidade cultural

Em “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade” (2006), Stuart Hall discorre sobre o deslocamento identitário vivenciado por muitos indivíduos na contemporaneidade. Para o autor, as identidades culturais, que são construídas a partir das ideias de nação e nacionalidade e que antes pareciam estáveis, fixas e unificadas, estão passando por um processo de ruptura à medida que são expostas a novas culturas (HALL, 2006).

A migração é apontada por Hall (2006) e Bauman (2005) como um dos fenômenos responsáveis por esta fragmentação das identidades. Para os autores, a aproximação a outras culturas - seja de forma direta, com os processos migratórios, ou de forma indireta, por meio da globalização - promove um afrouxamento de

identificação com as próprias culturas nacionais. Com isso, as identidades culturais se tornam instáveis e, por vezes, conflituosas.

No caso dos imigrantes, o conflito identitário que pode vir à tona com o deslocamento geográfico ocorre, sobretudo, pelo contato intenso com a nova sociedade e pelos choques culturais vivenciados. Em muitos casos, existe ainda um esforço da parte do estrangeiro de se adaptar ao novo país, fazendo-o buscar ativamente formas de se sentir parte da sociedade, o que pode gerar um afastamento da própria cultura e uma crise identitária e de pertencimento. Sobre o assunto, Alves (2012) explica:

“Percebemos um afrouxamento dos laços culturais tradicionais, pois, embora possamos considerar que a cultura possui um local, já não é tão fácil determinar uma origem. Essa complexidade aumenta quando os trânsitos são dos próprios indivíduos através de outros espaços culturais, acentuando-se as tensões simbolizadas pelos objetos de consumo e as incertezas diante do contato com o que é diferente, podendo surgir a difícil posição de não pertencimento vivida pelo viajante” (ALVES, 2012, p. 6).

O processo migratório vivido pela iraniana Marjane Satrapi, e os seus desdobramentos, são narrados na novela gráfica “Persépolis” (2007). A obra retrata a infância e a juventude da autora, que deixa o Irã após a Revolução Iraniana de 1979. Com a ascensão dos aiatolás no poder e a instauração de um regime conservador e opressivo, Marjane Satrapi é enviada ainda na adolescência pela família para a Áustria, para que escapasse das políticas repressoras do novo governo⁴ e da guerra contra o Iraque⁵.

Sozinha num país europeu no qual não tinha estado antes e sem falar a língua local, os primeiros meses de Satrapi são marcados pela sensação de isolamento. Aos poucos, a jovem busca se integrar à sociedade ao seu redor, se esforçando para parecer o máximo possível com uma adolescente européia. Para isso, ela passa por transformações físicas, como a adoção de um estilo *punk*, e também comportamentais,

⁴Após a deposição do xá Reza Pahlavi, o governo dos aiatolás dá início a um novo período político na história iraniana com a instauração da República Islâmica do Irã. Dentre as medidas que foram adotadas pelo regime, que se baseia nas leis da sharia, estavam o fim das escolas e universidades mistas, a proibição de símbolos da cultura ocidental e a obrigatoriedade do uso do véu em público para as mulheres (COGGIOLA, 2008).

⁵ A guerra Irã-Iraque durou cerca de oito anos (1980-1988) e deixou centenas de milhares de mortos dos dois lados, inclusive civis.

como o consumo de obras ocidentais, na tentativa de se sentir parte daquela nova comunidade, como mostrado no quadrinho a seguir.

Fig 1: Mudanças.



Fonte: Persépolis (2007)

À medida que mudava com o objetivo de se sentir parte da nova sociedade, Satrapi vivenciava um sentimento de culpa por se distanciar de sua própria cultura e por estar indo contra as práticas consideradas corretas por sua família. Para se sentir aceita entre os novos colegas, por exemplo, a jovem chega inclusive a usar drogas ilícitas, mesmo que a experiência lhe cause grande desconforto inicialmente. Ela vivenciava, então, uma batalha interna entre a vontade de pertencer e a culpa por se afastar de sua cultura: “Quanto mais esforços eu fazia para me integrar, mais tinha a impressão de me distanciar da minha cultura, de trair meus pais e minhas origens, de jogar um jogo que não era meu.” (SATRAPI, 2007, p. 195).

Fig 2: Tentativa de pertencer.



Fonte: Persépolis (2007)

O esforço de integração e a contradição entre a ideia de ter que mudar para fazer parte e a culpa por afrouxar os laços com sua cultura faz com que Marjane Satrapi vivencie um conflito interior. É a partir desse momento que ela sofre uma espécie de crise identitária, com a incerteza de quem é e de onde se encaixa. A sensação de ser uma forasteira na Áustria é atenuada em alguns momentos durante os três anos em que vive no país, mas ela nunca chega de fato a desaparecer. Os episódios de xenofobia e os choques culturais, por exemplo, são constantes lembretes de sua posição de estrangeira naquele lugar.

Ao fim de três anos, Satrapi opta por voltar ao Irã após o término de um relacionamento que traz à tona sua sensação de inadequação e de deslocamento na sociedade austríaca. Apesar do retorno ao seu país significar abrir mão da liberdade que vivenciava na Europa e também viver novamente sob o regime conservador dos aiatolás, a autora explica que naquele momento ela precisava voltar para “casa”. Esse regresso, no entanto, não corresponde às expectativas de Satrapi.

De volta para casa: a migração de retorno

A volta ao Irã tinha para Satrapi o significado de um retorno ao seu lar e às suas raízes. Esta percepção, no entanto, é desconstruída à medida que a jovem dá-se conta de que não foi só ela que mudou durante os anos em que esteve no exterior: seu país e as pessoas que ficaram para trás também passaram por transformações.

No período em que Satrapi esteve na Áustria, o Irã vivenciou um conflito com o Iraque que fez milhares de vítimas e também o endurecimento do regime dos aiatolás (COGGIOLA, 2008). Por conta disso, durante sua ausência, o país também passou por transformações, que foram percebidas pela jovem rapidamente: andando por Teerã, por exemplo, Satrapi percebe como sua cidade estava diferente - até os nomes das ruas tinham mudado com o objetivo de honrar os mártires da guerra. A cidade torna-se quase irreconhecível para ela, principalmente se comparada à Viena, onde viveu nos anos anteriores:

“Não era só com o véu que eu tinha que me reacostumar, havia também todo o ambiente: a apresentação de mártires pelos murais de 20 metros de altura, enfeitados com slogans em sua honra, como ‘O mártir é o coração da história’ ou ‘Eu queria ser mártir’ ou ‘O mártir está eternamente vivo’. Principalmente depois de quatro anos na Áustria, onde o que a gente via nos muros era ‘As melhores salsichas por 20 xelins’, o caminho para a readaptação parecia bem longo” (SATRAPI, 2007, p. 252).

A mudança nas relações com seus familiares e seus amigos também foi um desafio para o retorno de Satrapi. O contato com sua família era difícil: as expectativas dos familiares sobre sua experiência na Europa não condiziam com o que foi vivido pela jovem, ao mesmo tempo em que ela se sentia culpada por ter se ausentado durante a guerra, um período de dificuldade para os pais e para a nação, como retrata o quadrinho a seguir.

Fig 3: Família



Fonte: Persépolis (2007)

Além disso, suas amigas de infância pareciam estranhas depois de anos distantes, sobretudo pois as vivências de Satrapi na Europa foram muito diferentes das de suas colegas, que cresceram num regime conservador e fundamentalista. Essas diferenças foram motivo de choques entre elas, como mostra a Fig. 4.

Fig. 4: Conflitos culturais



Fonte: Persépolis (2007)

Todos esses conflitos externos atuaram de forma a intensificar a crise de identidade e de pertencimento vivenciada por Satrapi desde o início de seu processo migratório. A volta para o Irã não representou a volta a um lar familiar, como esperava a autora, e sim uma nova situação de desconforto, o que faz com que ela se isole da comunidade ao seu redor. Sem sentir-se pertencente ao Irã, mas ainda menos à Áustria, e confusa sobre sua identidade e seu lugar no mundo, Satrapi vive um episódio depressivo que a leva a tentar suicídio. Mesmo com a ajuda de profissionais e com o uso de medicamentos, a incerteza identitária causa dor e inquietação à jovem, que compara a perda de identidade com uma perda de sentido de vida, como retratado na Fig. 5.

Fig. 5: Crise identitária.



Fonte: Persépolis (2007)

A autora Julia Kristeva, em sua obra “Estrangeiros para Nós Mesmos” (1994) discorre sobre as consequências da migração para os indivíduos que a vivenciam, destacando sobretudo seus efeitos emocionais nos imigrantes. Para Kristeva, o deslocamento geográfico e a ambientação em um novo espaço afetam os mais profundos sentimentos e compreensões dos estrangeiros sobre si mesmos e sobre o mundo ao seu redor. Tendo ela mesma passado por um processo migratório, a autora se debruça sobre a temática da crise identitária e de pertencimento a partir de uma perspectiva pessoal:

“Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória emergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem sem marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada” (KRISTEVA, 1994, p.15).

Assim como Kristeva, Bauman (2005) avalia o desconforto proveniente da fragmentação identitária pós-migração tendo como base sua experiência pessoal. Também tendo vivenciado um processo migratório, o autor define a incerteza de sua

identidade como uma sensação dolorosa e desconcertante:

“A confusão que isso [a questão da nossa identidade] causa em nossas mentes é genuína. Não há receita infalível para resolver os problemas a que essa confusão nos conduz, e não há consertos rápidos nem formas livres de risco para lidar com tudo isso. Também diria que, apesar de tudo, teremos de nos confrontar vezes sem conta com a tarefa de ‘autoidentificação’, a qual tem pouca chance de ser concluída com sucesso e de modo plenamente satisfatório” (BAUMAN, 2005, p.105).

Para Bauman, uma vez que esta percepção da crise de pertencimento vem à tona, os sujeitos costumam partir em busca de uma identidade unificada e não conflituosa, o que o autor caracteriza como sendo uma tentativa de “alcançar o impossível” (BAUMAN, 2005, p. 15). Hall (2006) também alerta sobre essa tendência, contestando a ideia de se pensar a identidade como destinada a estar em um lugar ou em outro. Segundo Hall (2006), as identidades de imigrantes como Satrapi, que vivenciam esse conflito, não são e não voltarão a ser unificadas, pois são produtos de diferentes culturas e formadas por aspectos de uma e de outra simultaneamente.

A resposta para essa inquietação identitária vivenciada por tantos imigrantes na contemporaneidade estaria nas ideias de “tradução” e “hibridismo”, que surgem num entrelugar cultural. O primeiro conceito vem de Salmon Rushdie (1991) e é definido pelo autor como um processo de transportar entre fronteiras. Tendo ele mesmo vivenciado a migração e as suas consequências, Rushdie define como “homens traduzidos” os imigrantes que, assim como ele, habitam duas identidades e duas culturas, tendo que aprender a traduzir as duas linguagens culturais em que estão inseridos. Hall (2005) explica:

“Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades” (HALL, 2006, p. 52).

O conceito de hibridismo também é defendido por Hall (2006) como uma resposta aos conflitos identitários na contemporaneidade. Para o autor, as identidades culturais estáveis e unificadas estão em declínio e estariam, então, sendo substituídas por identidades híbridas:

“Em toda parte estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado” (HALL, 2006, p. 52).

Em “Persépolis” (2007), além de narrar a migração entre Irã e Áustria, Satrapi retrata também a sua partida definitiva para a França, oito anos após o retorno a seu país natal. Embora tenha tentado se readaptar à vida no local e aos costumes iranianos, a sensação de se sentir forasteira num lugar que já foi sua casa fez com que a jovem acabasse partindo de vez para a Europa, onde vive até os dias de hoje.

Satrapi vivenciou - e retratou em sua obra - o processo que Hall (2006) chama de hibridismo: com os deslocamentos territoriais e as vivências vindas com eles, a autora adquiriu bagagens culturais diversas, que se mesclaram e trouxeram à tona uma identidade mista, formada por aspectos variados e heterogêneos. Essa nova identidade, explica Tomaz Tadeu da Silva, “não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas” (SILVA, 2014, p.87).

Considerando os autores citados anteriormente, pode-se dizer que seria a partir da aceitação do *status* de “homens traduzidos”, ou seja, pessoas cujas identidades são formadas no contato com mais de uma cultura, que os imigrantes aprenderiam a lidar com a heterogeneidade identitária.

No caso de Satrapi, a autora parece ter aceitado a ideia de possuir uma identidade conflituosa e as consequências disso, considerando as entrevistas em que se manifestou sobre o assunto. Para um jornal alemão⁶, em 2011, Satrapi explicou que embora viva desde 1994 na França, não se considera francesa: ela disse sentir que vive em uma redoma, apesar de rodeada por amigos, não é, e nem deseja ser, plenamente

⁶ Entrevista traduzida com Marjane Satrapi. <https://www.dw.com/pt-br/autora-de-persepolis-fala-sobre-emigracao-revolucoes-e-o-ira/a-15460272>. Acesso em: 5 ago. 2020

pertencente àquela sociedade. A diferença em relação à sua primeira experiência migratória é que, segundo a autora, dessa vez ela escolheu viver assim.

Em outra entrevista⁷, Satrapi reforça a existência de um conflito identitário: apesar de estar em um novo país há vinte anos, sua identidade ainda é fragmentada e heterogênea e é formada no encontro de múltiplas culturas. Além disso, mesmo após mais de duas décadas fora de seu país natal, ela ainda se sente profundamente ligada às suas raízes iranianas.

“Minha afeição é iraniana e sempre vai ser iraniana (...) Eu sempre vou ser iraniana, eu fui feita no Irã, se você entende o que eu quero dizer, então nunca vai mudar. Eu tenho todos os meus amigos que são franceses, e eu posso falar sobre muitas coisas com eles, mas existe uma outra parte da minha vida que eu não posso dividir” (SATRAPI, 2006).

A experiência de Satrapi, narrada em “Persépolis” (2007), é um exemplo do processo migratório e de seus possíveis desdobramentos na compreensão da identificação e do pertencimento dos indivíduos. Para Hall (2006), a ascensão das identidades híbridas são características da contemporaneidade, e são um dos muitos tipos de identificação a serem explorados na era da modernidade tardia.

Considerações finais

Com o maior contato entre culturas ao redor do globo e com o maior trânsito de pessoas entre as regiões, a ideia de uma identidade cultural unificada e estável entra em declínio e a noção de uma identidade híbrida, heterogênea e por vezes conflituosa, torna-se aceita por autores como Hall (2006) e Bauman (2005).

No caso de Satrapi, é a partir do processo migratório que uma espécie de crise identitária tem início, e esta é intensificada com o retorno ao seu país natal e a descoberta de que ele não é mais uma casa. Essa incerteza sobre quem você é e sobre qual o seu lugar no mundo pode causar desconforto e angústia às pessoas que a vivenciam, principalmente quando o seu “lar” não é mais familiar. A migração de retorno, portanto, pode ser uma experiência tão desestabilizadora quanto a ida para um

⁷ Entrevista de Satrapi ao Asia Society <https://asiasociety.org/marjane-satrapi-i-will-always-be-iranian>
Acesso em 5 ago. 2020.

novo país, principalmente se o período vivido em outro local foi marcado por transformações.

Este trabalho buscou contribuir com as discussões acerca das questões identitárias e de pertencimento que surgem com o processo migratório - inclusive quando este envolve o retorno ao local que foi inicialmente deixado. Para isso, foi realizado um estudo de caso tendo como objeto a narrativa do quadrinho “Persépolis” (2007) de Marjane Satrapi.

Por meio da análise da obra, foi possível constatar que os deslocamentos geográficos vivenciados pela autora atuaram de forma a provocar uma crise identitária, que teve seu ápice com o retorno de Satrapi ao Irã e a percepção de que o país não era mais um lar. As consequências e os desdobramentos da experiência vivenciada por Satrapi - e compartilhada por milhares de imigrantes ao redor do globo - tem efeitos a longo prazo, podendo inclusive durar uma vida toda.

Com os deslocamentos migratórios e a globalização em alta, é importante refletir sobre seus efeitos nos indivíduos e nas comunidades. A expectativa é de que as questões relacionadas à identidade e ao pertencimento tornem-se cada vez mais presentes na sociedade contemporânea, e é por meio de pesquisas sobre o assunto que seria possível compreender de forma mais profunda a problemática e direcionar-se a uma possível solução de uma inquietação que afligiu e ainda aflige muitos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. **Entre globalização e exílio: deslocamentos em Persépolis** de Marjane Satrapi. In: II Jornada de Estudos Literários da UFRGS. Porto Alegre, 2012.

BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

COGGIOLA, O. **A revolução iraniana**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. 1 ed. São Paulo: Rocco, 1994.

MARTINO, L. M. S. **Comunicação e identidade: quem você pensa que é?**. São Paulo: Paulus, 2010.

RUSHDIE, S. **Imaginary Homelands**. Londres: Granta books, 1991.

SATRAPI, M. **Persépolis: Completo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, T. T. d. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis: Vozes p. 73 a 102, 2014.